

não devias ter vindo

jeneva rose

Tradução de Fernanda Semedo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para o pai,
Desculpa, este não é um livro de zombies.
Com amor, da tua quarta filha favorita
(Bem, talvez tenha passado para o primeiro lugar com esta dedicatória.
Depois diz-me.)*

Diã Um

-1-

Grace



Não queria parar, mas quando a luz do combustível acendeu no painel do carro, percebi que não tinha escolha. A Gunslinger 66, mesmo à saída da autoestrada 26, era a única bomba de gasolina que tinha visto em mais de sessenta quilômetros. Se não fosse pelo letreiro em néon que dizia *Open* — na verdade, *Ope*, porque de poucos em poucos segundos a letra *N* apagava-se —, teria pensado que encerrara para sempre. O edifício estava em ruínas, com janelas sujas e traves de madeira que mal sustentavam a estrutura. O velho *Mazda2* soluçou quando o parei ao lado de uma bomba. Soltei um suspiro de alívio e abanei as mãos. Doíam-me por segurar o volante com tanta força. Quase não tinha chegado aqui, alimentada a fumo e esperança durante o último quilómetro ou dois.

Fechando a porta atrás de mim, coloquei o saco ao ombro e segurei-o com força. Não havia nada em ambas as direções, exceto a serpenteante estrada preta, campos abertos e o Sol que estava a virar-me as costas. À distância, conseguia ver as montanhas. Pareciam formigueiros, mas eu sabia que, mais de perto, eram maiores do que os arranha-céus a que estava habituada. Um dente-de-leão flutuou através da estrada. Honestamente, se não fosse pelos filmes, não teria a menor ideia do que era.

Um pequeno autocolante desbotado na bomba dizia: «Só dinheiro. Por favor, fale com o empregado.» *Claro*. Resmunguei. Atei o cabelo atrás num rabo de cavalo curto e atravessei o estacionamento de gravilha. Saltos

altos não eram a melhor escolha e os meus tornozelos vacilavam de um lado para o outro sobre o terreno pouco firme. A porta chiou quando a abri. Uma ventoinha zumbia no canto, fazendo oscilar o cheiro de carne seca e gasolina pelo edifício. Parti do princípio de que não recebiam aqui entregas regulares. A maior parte das prateleiras não estavam completamente cheias. Atrás do balcão estava um homem gigantesco, vestido com jardineiras sujas. A pele do seu rosto era uma mistura de rugas vincadas, poros cavernosos e cicatrizes grossas como um mapa topográfico. Torceu o pescoço na minha direção, mas um dos seus olhos não acompanhou o movimento. Soltou um assobio baixo.

— Não é destas bandas, querida.

A voz do homem era espessa como mel, mas a forma como me olhava era tudo menos doce.

Empinei o queixo e dei alguns passos largos na direção dele. Os meus saltos estalaram no chão de madeira.

— O que é que me denunciou? — perguntei, inclinando a cabeça.

O seu único olho examinou-me da cabeça aos pés enquanto o outro estava fixo na porta da frente. Ele levantou a mão para a barba hirsuta e desceu-a pelos lados da cara até aos poucos pelos que passavam abaixo da maçã de adão.

— A aparência é bastante. — Torceu os pelos da barba.

— Ótimo — disse eu. — Preciso de 60 de gasolina. — Procurei na carteira, tirei três notas de 20 dólares e deslizei-as pelo balcão.

Ele ficou ali um momento a olhar para mim, como se tentasse descobrir de onde viria uma mulher como eu.

— Chicago? — Pegou no dinheiro e premiu alguns botões numa velha registadora de metal.

— Nova Iorque.

A gaveta abriu com um tilintar.

— Está bastante longe de casa, menina.

— Isso sei eu — respondi, observando cada movimento dele.

Ele colocou o dinheiro na gaveta e fechou-a.

— Já pode encher.

Fiz-lhe um pequeno aceno e saí do edifício, com o cuidado de manter um olho nele até chegar lá fora. Acelerei o passo quando cheguei ao parque de estacionamento em gravilha. Sentia os olhos dele sobre mim quando enfié a mangueira no depósito. Tirei uns óculos de sol do saco e voltei a olhar para o edifício. Não precisei de mais de um segundo para o avistar.

O homem tinha a cara colada ao vidro da montra. A sua pele gasta parecia agora um hambúrguer cru. Peguei no telemóvel e vi as palavras *Sem Rede* no canto superior direito. *Inútil*.

O painel ao lado dos litros chegou aos vinte e quatro. Era como se o tempo tivesse abrandado. Ocupei-me batendo no carro com as minhas compridas unhas vermelhas. *Tap. Tap. Tap.* A porta do edifício chiou e abriu. O homem inclinava-se um pouco para a esquerda, como se tivesse uma perna mais curta do que a outra. Começou a dirigir-se a mim, com passos curtos e tortos. Sessenta dólares atestariam o depósito, mas eu não precisava de um tanque cheio. Faltavam-me cerca de duzentos e quarenta quilómetros. Só precisava de meio depósito. O homem não disse uma palavra enquanto atravessava o parque de estacionamento. Gotas de suor acumulavam-se-lhe na testa e seguiam o caminho das suas rugas mais fundas. A sua língua gorda deslizou sobre o lábio superior, lambendo o suor. Os meus olhos oscilavam entre ele e a bomba. *Vá lá. Vá lá.*

Click, click, click da bomba de gasolina.

Pum, pum, pum do meu peito.

E depois veio um som novo. Um tinido. Vinha do bolso dele. Moedas a tilintar, batendo umas nas outras. Os músculos das minhas pernas e braços tremeram, preparando-se instintivamente para a ação.

Quando chegou aos vinte e oito litros, arranquei a mangueira do tanque e atirei-a para o lado. Os meus calcanhares e o chão por baixo dos meus pés ficaram ensopados em gasolina. Contornei rapidamente a frente do carro e deslizei para trás do volante, fechando a porta atrás de mim.

O *Mazda* cuspiu gravilha quando carreguei no acelerador, virando em direção às montanhas. Pelo retrovisor, vi o homem tossir por causa da poeira que levantei. Ele bateu com a mão na perna e bateu o pé. Gritou qualquer coisa, mas não percebi o que dizia, nem queria saber. Alguns quilómetros de estrada depois, abri a janela e inalei o ar fresco. Inspirar até quatro pelo nariz. Suster até sete. Exalar pela boca até oito. O ar tinha um cheiro diferente, um sabor diferente. Provavelmente, porque *era* diferente. Após três séries, fiquei novamente calma. O meu coração voltou ao normal e os músculos dos meus braços e pernas relaxaram — deixaram de estar em alerta e prontos a explodir numa reação de fuga ou luta.

A estrada à minha frente era como uma serpente preta a contorcer-se através de campos planos até onde a vista alcançava. Tirei o sapato de salto encharcado em gasolina de um dos pés e atirei-o para o chão sob o porta-luvas. Enquanto o meu pé descalço carregava no acelerador, tirei

rapidamente o outro e atirei-o para o lado. Liguei o rádio na esperança de uma música *pop*, algo que me animasse. Havia apenas estática. Todos os postos davam estática, como a cobra negra retorcida em cujas costas viajava, silvando para me dizer que sabia que eu estava ali. Foi estranhamente reconfortante. A viagem até à Gunslinger 66 tinha decorrido sem incidentes. Por vezes tivera a impressão de ser a única pessoa no mundo, raramente encontrando outros veículos. Havia algo de simultaneamente bonito e aterrorizador no isolamento. Fazia-me sentir ao mesmo tempo importante e insignificante.

O Wyoming não era um estado em que alguma vez tivesse pensado, o que considereei lamentável agora que o via em toda a sua beleza. À medida que me aproximava do meu destino, a paisagem começou a mudar. E quanto mais avançava para ocidente, mais drástica se tornava a mudança. Em breve, as planícies e campos monótonos transformavam-se em colinas ondulantes de enormes pinheiros, cores mutantes de musgo e relva cortadas por rios borbulhantes; um mosaico de tons numa tela ainda húmida, ainda em formação. As majestosas Montanhas Rochosas, altaneiras sobre a terra, projetando uma cobertura permanente sobre tudo o que se aproximava. Búfalos e alces vagueavam pelas planícies, uma porção de terra que sempre será e sempre foi deles, um dos poucos lugares que ainda mantinham a sua verdadeira essência. Era tudo numa escala tão grandiosa que era difícil absorver a sua dimensão. Era diferente de tudo o que eu já tinha visto, um planeta diferente dentro do meu próprio país — um microuniverso próprio — e estava satisfeita por o ter escolhido.

Passava das sete horas e o Sol descia em cascata na sua última extensão de luz para esse dia.

— Dentro de trezentos metros, o seu destino fica à direita — anunciou a Siri.

Premi «Terminar Percurso» no GPS do carro exatamente quando, sobre a colina, comecei a ver o rancho. Aninhado nos bosques, mesmo junto do rio Wind, a propriedade era algo saído de um livro de histórias. O rancho era grande e rústico, com um alpendre a toda a volta e grandes janelas de sacada. Havia um telheiro e um celeiro. Patos, galinhas, carneiros, vacas e cavalos pastavam livremente num cercado com um grande lago no centro. O caminho de entrada em gravilha era longo e comecei a percorrê-lo lentamente.

Exatamente quando ia sair do carro, avistei-o. Abriu o mosquiteiro da porta da frente e pôs a mão por cima dos olhos, para os proteger do

pouco sol que restava. Vestia *jeans*, botas de *cowboy* e uma *t-shirt* branca, exatamente como eu esperava. Atravessando o alpendre com alguns passos rápidos, correu casualmente para mim. Era alto, com mais de um metro e oitenta, bronzeado, e tinha uma constituição musculosa, claramente por fazer trabalho físico e não por frequentar um ginásio como tantos dos palermas da cidade.

Antes de sair do carro, voltei a calçar rapidamente os sapatos de salto alto. Tresandavam a gasolina, mas eu esperava que ele não reparasse nem fizesse perguntas. Pondo a mala ao ombro, endireitei-me e empurrei os óculos de sol para o cima da cabeça. Quando ele se aproximou, notei alguns detalhes, como a cicatriz cor-de-rosa por cima da sobrancelha esquerda. Tinha dois centímetros e meio de comprimento e a cor revelava que era recente. Todos nós temos cicatrizes e todas contam uma história. Perguntei-me que história contaria a dele. A barba era curta e desgrenhada — não intencionalmente, mas como se ele não tivesse tido tempo de se barbear nos últimos dias. O queixo era pontiagudo e bem definido, e os olhos verdes como os campos onde as vacas e os carneiros pastavam. Fechei a boca, cerrando firmemente os lábios para garantir que não ficava boquiaberta, como um cão a salivar sobre um bom pedaço de carne.

— Deves ser a Grace Evans — disse ele, estendendo-me a mão. A sua voz era baixa, e o aperto de mão era forte.

— Sou. Prazer em conhecer-te. — A minha voz saiu um pouco mais humilde do que habitualmente, não a voz de comando e autoritária que os meus colegas estavam habituados a ouvir no escritório. O meu aperto de mão foi um pouco mais fraco, vindo apenas da fragilidade do meu pulso e não da força do braço todo. Estava a seduzi-lo? Ou ainda estava abalada com o empregado assustador da bomba de gasolina? Não tinha a certeza, mas, instintivamente, retirei a mão e recuei-a.

— Sou o Calvin Wells, e o prazer é todo meu. — O seu sorriso revelou dentes brancos perfeitamente alinhados e uma covinha apenas do lado direito. — Como foi a viagem? — perguntou o Calvin, enfiando os polegares nas presilhas dos *jeans*. Vários arranhões longos e finos maculavam o interior do seu antebraço direito.

— Foi boa até à Gunslinger 66. — Soltei um suspiro enquanto o olhava de alto a baixo. Era como uma obra de arte, adequado à paisagem em seu redor. Suplicava para ser examinado, observado atentamente. Percebi logo que ele ia ser uma distração.

A cicatriz rosada ressaltou quando o Calvin ergueu a sobrancelha.

— Aquele empregado de uma velha bomba de gasolina assustadora, a uns quilómetros daqui... digamos que me perseguiu. Nem acabei de encher o depósito por causa dele. — Torci os lábios para cima.

— Bolas... Lamento. Estás bem?

Assenti com a cabeça.

— Sim, agora estou bem. Mas ele apanhou-me de surpresa.

— Aqui não tens de te preocupar com nada disso. Eu mantenho-te em segurança, Grace — disse o Calvin com um sorriso.

Dei uma pequena gargalhada e abanei a cabeça.

— Onde é que estás a piada? — perguntou ele, sem deixar que o seu sorriso vacilasse.

— Oh, nada. Só percebi que soei como se fosse uma donzela em apuros.

— Não foi nada disso que eu pensei. — O Calvin riu-se. — Mas deixa-me ajudar-te com as malas e a instalares-te. — Avançou para a traseira do veículo.

— Oh, não precisas de fazer isso. — A verdade é que não gostava que as pessoas mexessem nas minhas coisas.

— Disparate. — Ele premiu o botão por baixo da chapa de matrícula, abrindo a bagageira.

— Isso é por causa da história da donzela? — brinquei.

— Não, Grace. Sou especialista em hospitalidade. — Retirando ambos os sacos do carro, atirou um para cima do ombro e segurou o outro. — Vou tratar-te tão bem que não vais querer ir-te embora. É esse o meu lema — disse o Calvin, alargando o sorriso. — Segue-me — acrescentou num tom alegre ao atravessar a estrada de acesso em direção ao rancho.

Olhei de relance para o velho carro batido que conduzira até aqui e depois novamente para ele, hesitando por um momento. Um sentimento de desânimo atingiu-me o estômago, e por um momento senti-me em queda livre. Passou rapidamente, antes mesmo de ter hipótese de reagir, de o examinar, de perceber o que era. Engoli em seco e forcei-me a segui-lo. Um pé depois do outro.

-2-

Calvin



Pousei os sacos da Grace ao lado da cama.
— Este é o teu quarto — disse, apontando com a mão.
A Grace entrou atrás de mim, trazendo um saco e a mala. Examinou o quarto, o seu rosto sem expressão enquanto verificava cada canto e centímetro quadrado. Não percebi se estava desapontada ou não. Tinha pensado em redecorar quando comecei a alugar quartos no *Airbnb*, mas não arranjei forças. A minha mãe é que o tinha mobilado, uma mistura de coisas que tinha feito e coisas que tinha encontrado. Tinha sido decorado pela última vez nos anos 70, mas estava novamente na moda, segundo me dissera a minha vizinha.

A Grace pousou as suas coisas na cama e hesitou por um momento antes de se virar de novo para mim. Os seus olhos partiram da minha cintura e subiram até à cara. Cheirava a uma mistura de margaridas e gasolina, o que era estranho, mas eu não disse nada. Seria rude. O cabelo dela era dourado e descia-lhe até ao meio das costas. Os olhos eram do azul mais azul que eu já tinha visto, tão azuis que quase não pareciam reais. Usava uma saia preta justa, saltos altos e uma blusa de uma espécie de tecido enrugado. Tenho a certeza de que no sítio de onde ela vinha aquilo era moda, mas as raparigas destas bandas não usavam coisas assim. A sua tez branca fazia um grande contraste com a roupa totalmente preta, e não pude deixar de olhar para os seus lábios carnudos, esperando que dissesse qualquer coisa.

— É perfeito. — Sorriu, mas detetei um vestígio de apreensão na sua voz. Respirei fundo e ela riu-se.

Ergueu uma sobrancelha.

— Estavas com medo de que eu não gostasse?

— Bem. — Mudei o peso de uma perna para a outra. — Normalmente, os meus hóspedes não são mulheres, e não tinha a certeza se uma rapariga da cidade como tu estaria confortável num lugar assim.

— Se consigo encontrar conforto em Nova Iorque, no meio de ratos e baratas, consigo encontrá-lo em todo o lado. — A Grace içou a sua mala para cima da cama com um único movimento. Devia ser forte, porque aquela coisa não podia pesar menos de vinte quilos.

— Precisas de ajuda? — ofereci. Esta era a parte embaraçosa de receber hóspedes. Nunca sabia se eles queriam que eu ficasse a conversar ou que me fosse embora. Tinha a certeza de que, no caso da Grace, era a última opção, mas já me sentia atraído por ela como uma traça pela chama ou os malditos coiotes pelas minhas galinhas, por isso faria o que pudesse para conseguir passar mais algum tempo com ela.

Ela abanou a cabeça.

— Não, eu arranjo-me — disse pragmaticamente. Pegou no saco de couro preto, dobrou-se ao lado da cama e empurrou-o lá para baixo.

— Material ultrassecreto? — brinquei, coçando a nuca.

Ela levantou-se e olhou-me, juntando as sobrancelhas.

— Material de trabalho apenas para emergências. Se não o puser fora de vista, vou dar por mim a responder a *e-mails* e a atender chamadas, e estou aqui para relaxar, não para trabalhar. — Parecia estar a convencer-se disso mais a ela própria do que a mim. Tínhamos mais em comum do que ela sabia. Eu também tinha de me manter ocupado. Mãos ociosas, como se costuma dizer, são a oficina do diabo.

— Posso trancar tudo na cave, se quiseres.

— Gosto da ideia, mas não é necessário. — Correu o fecho da mala de viagem grande e abriu-a, revelando uma pilha de livros e um interior perfeitamente organizado. Eu sabia que ela gostava de ler. Estava no seu perfil do *Airbnb*, e calculei que passaria muito do seu tempo aqui com o nariz num livro. Estava tudo guardado em cubos de embalamento individuais. A Grace abriu um e atirou uma pilha de *soutiens* de renda e cuecas de seda para a colcha florida. Olhou brevemente para mim e depois dirigiu a sua atenção de volta para a sua tarefa. Tomei isso como um sinal de que ela queria ficar sozinha.

— Deixo-te à vontade. — Inclinei um chapéu imaginário e dei alguns passos para o corredor.

Ela virou a cabeça na minha direção e os seus lábios abriram-se lentamente.

— De facto, talvez seja melhor mostrares-me o espaço. Posso arrumar as coisas mais tarde.

— Com todo o gosto. Comecemos pelo frigorífico, porque neste momento apetece-me mesmo uma cerveja. — Ri-me.

A Grace sorriu.

— Eu também — disse.

Eu não a tomara pelo género de rapariga que bebia cerveja, e não pude deixar de também sorrir.

Antes de avançar na minha direção, descalçou os sapatos de salto e soltou um suspiro de alívio, mexendo os dedos. Tinha as unhas dos pés pintadas de vermelho-escuro. Como as das mãos.

Na cozinha, tirei duas *Bud Lights* do frigorífico e abri as cápsulas na pesada bancada de madeira. A Grace pegou numa. O gargalo repousou entre os seus lábios carnudos e ela fez um som refrescante quando terminou. Olhei-a com admiração.

A Grace segurou a garrafa na mão, rodando-a várias vezes como se estivesse mesmo a ler o rótulo. Eu dei um longo gole. A cerveja efervesceu na minha língua e aqueceu-me as entranhas quase imediatamente.

— Aqui é a cozinha — disse eu, apontando a divisão.

— Já me tinha apercebido — brincou ela.

Os cantos dos meus lábios distenderam-se em direções opostas. Tentei esconder o meu entusiasmo, mas o meu corpo não escutava o meu cérebro. Tenho a certeza de que as minhas bochechas também estavam coradas.

A Grace olhou em volta.

A cozinha condizia com os recursos disponíveis nos nossos arredores. Armários e bancadas de madeira com a matéria-prima exposta davam-lhe a aparência do interior de uma árvore. Visto que só eu vivia aqui, tudo na cozinha era pela função e não pela forma. Não havia decorações excessivas nem peças desnecessárias só para mostrar, como painéis de cobre penduradas numa prateleira. Apenas uma cozinha simples em madeira, com um suporte de facas, uma cafeteira, lava-loiça e alguns utensílios. Eu achava-a perfeita, mas talvez fosse só para mim.

— É simples, minimalista. Adoro — elogiou a Grace.

— Obrigado. Na verdade não condiz com o resto da casa, porque,

bem... — Interrompi-me. Não era algo de que eu gostasse de falar, e esperava que ela não perguntasse. Conduzi-a à sala.

— Foi decorada pela minha mãe. Por isso, condiz com o estilo do teu quarto.

Velhos exemplares de revistas que ninguém lera, de editoras que há muito tinham deixado de existir, enchiam um suporte de revistas. Havia mantas empilhadas ao lado da lareira e retratos avulso de velhos amigos e momentos do passado pendurados nas paredes. Alguns nem sabia quem ou o que eram, e gostava de ser eu a inventar a sua história.

A Grace dirigiu-se a uma grande estante e passou os dedos pelas lombadas de vários livros.

— Gostas de ler? — perguntou, olhando na minha direção.

— Sim — respondi com um aceno.

— Eu também. — Ela sorriu.

Quase lhe respondi que já sabia, mas contive-me. Os olhos dela pousaram nos animais empalhados, pendurados aleatoriamente pela sala. Estavam expostos sem qualquer critério. O toque do meu pai. A cabeça de um veado, um alce, um lobo, um carneiro selvagem e um leão da montanha. Onde quer que se estivesse naquela sala, os seus olhos de mármore preto seguiam-nos. Percebi que não agradavam à Grace. Enrugou a cara, olhando cuidadosamente para cada animal. Talvez pensasse que um ia saltar da parede.

— Não te mordem — disse eu com um riso.

— Eu sei. — Mordeu o lábio inferior. — É só um pouco in...vulgar.

— Não por estas bandas. Mas tu não és daqui. — Examinei-a, dos pés até aos olhos. O que é que uma rapariga daquelas fazia num sítio destes? — Queres que os tire da parede? — sugeri.

A Grace olhou-me como um *alien* que tivesse acabado de aterrar num planeta novo.

— Oh, não. Claro que não.

— Tens a certeza?

— Sim.

— Vais habituar-te — disse. E era verdade. As pessoas habituam-se a quase tudo.

Ela fez um ligeiro aceno com a cabeça, mas não disse mais nada.

Descemos o corredor e indiquei-lhe a casa de banho, o terceiro quarto e a porta para o meu quarto. Mostrei-lhe o armário das roupas de casa, onde havia toalhas, cobertores extra e almofadas. Ela observava calada, absorvendo tudo. Voltámos pelo corredor e ela parou.

— Que é isto? — perguntou, apontando para uma porta com cadeado.

— Oh, dá para a cave. Está interdita. Mas tu também não querias ir lá. Não está terminada, por isso é só um monte de aranhas e coisas velhas e um forte cheiro a mofo. — Chamei-a rapidamente com um gesto. — É por aqui.

Quando não a ouvi mexer-se, virei-me. Ela estava parada diante da porta, fitando-a. Percebi que queria ver o que havia do outro lado. Quando se diz a alguém que não pode fazer alguma coisa, querem sempre fazê-lo. A curiosidade leva-nos sempre a melhor, daí ter posto o cadeado. A Grace deve ter sentido os meus olhos sobre ela porque virou a cara na minha direção e fez um sorriso que parecia vacilante.

— Vamos? — disse ela, com uma voz aguda. Achei a sua mudança de tom um pouco estranha mas, afinal, estava apenas a conhecê-la, por isso tudo era estranho.

De volta à cozinha, abri a porta deslizante para um grande deque de madeira que tinha instalado no verão anterior. Era uma agradável zona de estar com sofás de exterior, cadeiras e mesinhas. Havia dois grelhadores ao lado um do outro perto do parapeito, um a gás e outro a carvão.

— É bonito — disse ela, contemplando a vista.

Era o pano de fundo perfeito do que o Wyoming tinha para oferecer. Um pasto com carneiros e vacas, o rio atravessando as traseiras, formando o limite da propriedade, densos bosques em que se erguiam pinheiros logo a seguir às margens do rio e as montanhas à distância, sobranceiras a todo o cenário. Era praticamente a única coisa que me agradava no facto de ter voltado ao Wyoming. Não há muito para fazer. Não há muitas pessoas da minha idade. Mas é lindo. Isso, tenho de admitir.

— É mesmo — disse, olhando por cima da Grace.

Ela relanceou-me, sorriu e bebeu de um gole o resto da cerveja. Ia perguntar-lhe por que escolhera Dubois, Wyoming, mas ela falou primeiro.

— Vou acabar de desfazer as malas. — Virou as costas e encaminhou-se para a porta deslizante.

— Diz-me se precisares de alguma ajuda.

— Sou uma rapariga crescida. Sei tomar conta de mim.

A voz dela era sedutora, ou pelo menos achei que era. Ela desapareceu lá para dentro sem dizer mais nada. Senti as bochechas corarem. Havia algo na Grace, algo diferente. Mas eu não estava preparado para perseguir outra rapariga. Era demasiado cedo.

-3-

Grace



Vários cabides de arame, todos diferentes, tilintaram uns nos outros enquanto pendurava a minha roupa no armário. Alinhei uma série de sapatos no chão, diante da janela. Ao abrir a primeira gaveta da cómoda, encontrei vários pares de cuecas de mulher e um *soutien* de desporto. Eram de boas marcas: *Lululemon* e *SKIMS*. *Estranho*. Ergui uma tanga, de tamanho pequeno. Uma antiga hóspede devia ter deixado ficar aquilo, ou o Calvin tinha uma namorada. Voltei a pô-las na gaveta, que fechei. A segunda gaveta estava vazia, por isso enchi-a de roupa interior, fatos de banho e calções.

Levei a minha pilha de livros para a secretária e alinhei-os de pé pela ordem em que planeava lê-los. Sou uma leitora rápida e esperava terminar os cinco antes de me ir embora.

Planeara começar com uma leitura de praia leve, que seria rápida e fácil de devorar. Gostava desse género porque não fazia pensar. Em seguida, queria algo triste, e este ia de certeza fazer-me chorar — ou assim informava a capa. Entendi que também devia ter algo com que pudesse aprender, por isso trouxera um livro de autoajuda sobre hábitos. Tinha alguns maus hábitos que sabia ter de perder e muitos bons que devia promover. Os hábitos garantiam que não cometêssemos erros. A novela de horror que também trouxera prometia que ficaria assustada, mas apenas eu poderia avaliar isso. Era preciso muito para me assustar. Finalmente, um *thriller*. Este prometia um final inesperado que eu nunca

imaginaria. Parecia que hoje em dia todos os *thrillers* o prometiam, mas poucos cumpriam.

Depois de desempacotar a minha maquilhagem, artigos de cabelo e de higiene, olhei pela janela de sacada por cima da cómoda comprida. Uma grande fissura ia do canto inferior esquerdo até ao centro. Tracei-a com o dedo. A aresta do vidro fraturado cortou-me a pele. *Ai*. Levei o dedo ferido à boca e chupei. A dor dissipou-se rapidamente. Ficou uma mancha de sangue, estendendo-se alguns centímetros pelo vidro, fazendo a paisagem do outro lado parecer quebrada e tingida de vermelho. Recordou-me a forma como eu via a cidade. Tinha viajado para tão longe para ver o mundo a uma luz diferente mas, de alguma forma, parecia sempre igual. O Sol tombava atrás das montanhas, deixando escuridão atrás de si. Tinha-me esquecido da escuridão. É algo que, de facto, não temos na cidade — demasiadas luzes.

Lembrando-me de que prometera mandar mensagem quando chegasse, tirei o telefone do bolso. No canto superior direito, as palavras *Sem Rede*. Senti uma pontada no fundo do estômago e engoli em seco. Não era algo que estivesse habituada a ver.

Encontrei o Calvin na cozinha, junto do fogão, cozinhando algo que não tinha um cheiro propriamente agradável — um aroma terroso, carnudo, doce. Ele mexia a panela com uma colher de pau, bebendo descontraidamente uma *Bud Light*.

— Ei — disse eu.

O Calvin virou-se rapidamente, sobressaltado. Um sorriso surgiu-lhe no rosto ao ver-me.

— O feno é para os cavalos.

Forcei um sorriso.

— Tens um penso rápido?

Ele pousou a colher numa folha de papel de cozinha dobrada.

— Claro. Que aconteceu?

Mostrei-lhe o dedo, e uma gota de sangue deslizou pelo golpe. Não tinha parado de sangrar.

— Uma briga com a tua janela rachada.

— Oh, bolas. Peço desculpa. — Desapareceu pelo corredor e voltou momentos depois com um pequeno estojo de primeiros socorros. — Era para ter resolvido isso. Alguns dos meus hóspedes não são bons hóspedes.

O Calvin puxou uma cadeira e indicou-me que me sentasse. Ele sentou-se diagonalmente à minha frente e abriu o estojo, tirando pomada,

bolas de algodão, álcool e um penso. Claramente, não era a primeira vez que tratava uma ferida.

— É uma pena, a tua janela — disse eu.

— Não te preocupes, eles pagaram por ela. — Rasgou o canto da embalagem com os dentes e tirou uma pequena gaze dobrada.

— Os teus hóspedes costumam ser desordeiros? — Estendi o dedo. Gotas de sangue escorreram do golpe e caíram sobre a mesa da cozinha. Infiltraram-se de imediato na madeira crua, deixando uma mancha. O Calvin, ou não se apercebeu, ou não se importou. Limpou e continuou a cuidar da minha ferida.

— Só os maus — disse, levantando os olhos para mim por um breve momento.

Estremeci quando ele apertou uma bola de algodão ensopada em álcool na ferida. O ardor durou apenas alguns segundos.

— É desconfortável teres estranhos na tua casa? — perguntei.

O Calvin deteve-se e os seus olhos encontraram os meus.

— Só são estranhos ao princípio — disse com uma expressão séria, antes de terminar de me colocar um penso bem apertado no dedo. — Aí tens. Estás como nova. — Sorriu enquanto arrumava as coisas.

— Obrigada.

O Calvin voltou para junto do fogão, mexendo lentamente a panela.

— A propósito, há algumas roupas de mulher na primeira gaveta da minha cómoda. Deixei-as ficar. Achei que devias saber.

Ele deteve-se por um segundo. Parecia que os seus ombros haviam ficado tensos, mas não tinha a certeza. O Calvin virou-se.

— Devem ser da minha ex, a Lisa. — Cerrou os lábios e voltou a mexer a panela.

Mastiguei as palavras, sem saber bem o que dizer, mas depois saíram todas em catadupa.

— Sabes que se costuma dizer que um ex deixa coisas de propósito em tua casa depois de um rompimento para ter uma razão para voltar.

— Espero que não seja o caso.

— Porquê? — perguntei.

— Porque ela está morta — respondeu ele.

Engoli em seco e tive um ataque de tosse. O Calvin tirou rapidamente um copo do armário e encheu-o de água. Compreendi porque é que ele o dissera de uma forma tão pragmática. É isso a morte. Ou estás vivo, ou estás morto. Não há nada de permeio. Deu-me o copo de água e bebi-o quase todo.

— Estás bem? — perguntou ele, dando-me uma leve palmadinha nas costas.

— Sim. — Pigarreei. — Só engoli pelo lado errado.

Ele assentiu com a cabeça e voltou ao fogão.

— Lamento pela tua ex.

O Calvin desligou o lume e tomou um gole de cerveja.

— Posso perguntar como é que ela morreu? — acrescentei.

— Acidente de viação... há cerca de um ano. — Rodou a garrafa nas mãos algumas vezes, como se estivesse a decidir se dizia mais ou não. — Na verdade, tínhamos rompido na noite em que ela morreu, mas tenho a certeza de que teríamos feito as pazes. Fazíamos sempre. — Ele não estava a olhar para mim enquanto falava. Fitava a parede branca como se estivesse lá algo importante para observar.

— Lamento, Calvin. — Não sabia que mais dizer porque não era boa com este género de conversas. Encontrara a morte muitas vezes ao longo da minha vida, mas vê-la e falar dela eram duas coisas muito diferentes.

Os seus olhos voltaram aos meus.

— É a vida, suponho. — Encolheu os ombros e abanou a cabeça, como se os seus sentimentos fossem um desenho mental temporário que ele pudesse substituir. — Queres uma cerveja?

Tínhamos mudado de assunto.

Assenti com a cabeça. Ele tirou uma do frigorífico e abriu-a.

— Não há rede aqui? — Levantei o telefone quando ele me estendia a cerveja aberta.

— Não. Para isso é preciso ir à cidade, mas tenho um telefone fixo, caso precises de fazer uma chamada. — Apontou para um telefone verde-claro pendurado na parede. Um longo fio enrolado ligava o telefone à base, estendendo-se quase até ao chão, como se a certa altura tivesse sido demasiado esticado.

— Oh, só queria mandar uma mensagem rápida a um amigo, para saber que cheguei bem. *Wi-fi*?

— Havia. Mas o *router* precisa de ser substituído. — Encostou-se à bancada e deu mais um gole.

A minha respiração ficou presa e quase me engasguei ao tentar libertá-la. Dei um gole rápido. Não havia qualquer menção à falta de serviço móvel no registo dele. Para mim, era algo que devia ser indicado, mas talvez fosse a norma por aqui. Não haver *wi-fi* também era frustrante, mas, afinal, talvez eu estivesse demasiado habituada a estar ligada.

— Estás bem? — perguntou ele. Tinha os olhos cheios de preocupação.
Assenti com a cabeça.

— Sim.

Não era o momento de armar confusão por causa da rede telefónica ou da *Internet*. Tinha acabado de chegar, e estava aqui para relaxar. Talvez até fosse bom que ninguém pudesse contactar-me.

-4-

Calvin



O que é que está ao lume? — perguntou a Grace. Olhava-me de um modo diferente depois de saber da minha ex. A morte muda sempre a forma como vemos o mundo e uns aos outros. Esperava não ter cometido um erro ao falar disso.

— A minha especialidade. Feijão cozido, *bacon* e salsichas — respondi com um sorriso.

A expressão dela permaneceu neutra. A Grace, claramente, não estava impressionada com os meus dotes culinários. Se eu tivesse sabido que a minha hóspede era tão bonita, teria escolhido algo um pouco mais civilizado, mas a fotografia dela no *site* era, na melhor das hipóteses, granulosa.

— Queres um pouco? — ofereci. A comida estava incluída na sua estadia, se ela quisesse. A maioria dos meus hóspedes usavam o rancho apenas como um sítio para repousar a cabeça à noite, partindo cedo de manhã e voltando tarde à noite. Era agradável ter aqui alguém para jantar.

Ela franziu o nariz, mas relaxou-o rapidamente. Abanou a cabeça.

— Planeava comer qualquer coisa na cidade, e não quero dar maçada.

— Disparate. Não dás maçada nenhuma. Além disso, está a ficar um pouco tarde para conduzir nestas estradas. Há por aí imensos animais selvagens à noite. — Tirei duas tigelas do armário e enchi-as. — Não és uma dessas pessoas vegetarianas, pois não? — perguntei, colocando o prato e uma colher diante dela.

A Grace olhou para a comida e depois para mim.

— Não, nada disso. Eu só... Na verdade, não como este género de coisas.

Sentei-me ao lado dela com a minha comida e a cerveja, e meti imediatamente uma colherada na boca. A doçura dos feijões, a suculência das salsichas e o salgado do *bacon* misturavam-se na boca.

Ela esbugalhou os olhos e segurou a cerveja mesmo em frente da boca, como se tentasse esconder-me a sua reação.

— Prova. — Sorri. — Juro que vais adorar e, se não gostares, eu como a tua parte também.

A Grace pousou a cerveja e hesitou por um momento antes de pegar na colher. Apanhou só um feijão.

— Tens de apanhar a salsicha e o *bacon* também.

Ela olhou na minha direção e depois mergulhou a colher na tigela. Segurando-a diante de si, fitou-a.

— Esta não é por ninguém.

Fechou os olhos, apertou o nariz com a outra mão e enfiou a colher na boca. Era bastante dramático, mas era o que se esperava de uma mulher como ela. Enquanto mastigava, manteve o nariz apertado e os olhos fechados. Quando sentiu os sabores, como eu sabia que aconteceria, abriu os olhos e os dedos soltaram os lados do nariz.

— Na verdade, é muito bom. — Serviu-se alegremente de outra colherada.

— Eu disse-te. Tens de acreditar em mim. — Ri-me.

Comemos em silêncio durante alguns minutos. O único som era o das nossas colheres a tilintar nas tigelas.

— Então, disseste que não comes coisas destas. O que é que comes? — perguntei, interrompendo o silêncio.

— Coisas normais.

— Oh, então eu não sou normal? — brinquei.

Ela riu-se e afirmou que não era isso que queria dizer.

— Estou só a brincar contigo. — Sorri.

Houve mais um período de silêncio de alguns minutos. Era como se nenhum de nós soubesse o que dizer ou estivéssemos ambos a ser cautelosos com as palavras.

— Fala-me de ti, Grace — disse eu, recostando-me na cadeira.

Ela tomou um trago de cerveja e olhou-me, os seus olhos azuis, azuis, fixos nos meus. Era a única forma que tinha para descrever os olhos dela. Azuis, azuis.

— Que queres saber?
— Tudo, mas comecemos pela tua profissão. — Cruzei os braços diante do peito.
— Trabalho na banca — disse ela pragmaticamente.
— Impressionante. — Tomei mais um gole e ela acenou com a cabeça.
— É a tua vez. E tu, Calvin Wells? Qual é o teu trabalho? — Inclinou a cabeça.

Gostei da forma como ela disse o meu nome completo.

— Faço muitas coisas. Agricultura, *Airbnb*, jardinagem, biscates aqui e ali. Tudo para me manter entretido e manter este rancho à tona.

Ela recostou-se, imitando a minha posição, e bebeu mais um pouco de cerveja.

— Admirável.

— Porquê Wyoming? — perguntei.

— Porque não? — Ela encolheu os ombros.

Arqueei uma sobrancelha, para que ela soubesse que não estava satisfeito com a resposta. Ela ergueu um canto do lábio.

— É uma tolice, de facto — disse.

— Gosto de tolices. Conta-me lá.

A Grace deu um gole na cerveja. Quando o seu olhar voltou a encontrar o meu, falou.

— Todos os anos, fecho os olhos e atiro uma seta para um mapa dos Estados Unidos. Onde esta acertar, é onde vou de férias. — As faces dela coraram, como se estivesse embaraçada.

— Não é tolice nenhuma. É como o destino. — Abri um sorriso. — Mas porquê fazê-lo dessa maneira? Porque não escolhes um sítio aonde queiras, de facto, ir? Caramba, podias estar agora na Califórnia ou no Havai, estendida numa praia com uma *piña colada* na mão. E não aqui em Dubois, Wyoming, a comer feijões e salsichas comigo. — Ri-me.

Ela também se riu, mas depois ficou um bocadinho séria. Os seus olhos azuis, azuis, piscaram, e ela soltou um suspiro.

— A minha vida é muito rotineira. Tudo é planeado e voltado a planear. Cada minuto do meu dia está agendado. Isto, de certa forma, dá-me liberdade.

A Grace inclinou a cabeça. Eu bebi cerveja e assenti com a cabeça.

— Consigo identificar-me com isso. Eu tinha essa liberdade antes de assumir este rancho. Agora, tudo o que vive aqui depende de mim.

— Porque é que prescindiste dessa liberdade? — perguntou ela.

Não era uma pergunta que eu quisesse responder. Não gostava de falar do que me fizera voltar, mas percebi que a Grace era o género de mulher que obteria a resposta, de uma maneira ou de outra.

— Teve de ser. Os meus pais morreram, por isso vim para cá há um ano e meio, para tomar conta do rancho.

A Grace deu um gole na sua cerveja. Que pensamentos lhe iriam na cabeça? Em menos de uma hora, ficara a saber que três pessoas próximas de mim tinham morrido, e todas tinham vivido neste rancho. Quase parecia que estava amaldiçoado. Pelo menos, era o que as gentes dos arredores da cidade diziam. Se eu fosse a ela, fugia para as colinas antes de ser também engolida por esta terra.

— Deve ter sido duro — disse ela, mordendo os lábios.

— Pois foi.

Ficámos sentados em silêncio por mais alguns minutos. Parecia que tanto eu como a Grace nos sentíamos confortáveis com o silêncio. Isso não acontecia com a maior parte das pessoas. Tinham de o preencher com palavras. O que essas pessoas não percebiam era que uma pessoa podia dizer muito mais não dizendo nada. Ela deu outro gole, e quando colocou a garrafa na mesa, esta fez eco, sinalizando que estava vazia. Pensei em oferecer-lhe outra, mas estava a ficar tarde e achei melhor acabar a conversa antes que ela me fizesse mais perguntas sobre os meus pais ou sobre o meu passado.

— Tenho de te perguntar isto: escolher o meu rancho também foi aleatório, ou atiraste uma seta ao *site* da *Airbnb*? — Brinquei, mas estava sério. Queria saber se isto também era destino, ou talvez não destino, mas uma parte da maldição.

— Não — disse ela com um meio-sorriso. — Fui eu que escolhi este sítio, Calvin.

Correspondi ao sorriso dela, peguei em ambas as tigelas e levei-as para o lava-loiça. Agradava-me ouvir que tinha sido decisão da Grace vir para aqui. Há tantas coisas que decidem por nós. Não escolhemos onde nascemos, de quem nascemos, como os nossos pais nos criam, que valores nos incutem, nem mesmo quanto tempo farão parte das nossas vidas. Odeio essa parte da vida, de não ter nenhum controlo sobre ela. Golpeia-nos na cara sempre que quer, e é suposto que aguentemos e prossigamos.

Olhei de relance para a Grace enquanto lavava o resto dos pratos. Ela parecia cansada e estava a olhar fixamente para a porta do pátio, quase como se estivesse em transe, ou algo assim.

Destapei o lava-loiça e sequei as mãos.

— Bem, tenho de me levantar cedo. As vacas não se ordenham sozinhas.

A Grace levantou-se e atirou a garrafa vazia para o caixote do lixo.

— De manhã, terei café para ti na cafeteira. Deixo o pão e a manteiga de amendoim cá fora, caso queiras comer alguma coisa.

— Obrigada, Calvin.

— Precisas de alguma coisa antes de eu me deitar? — Comecei a dirigir-me ao corredor. Ela inclinou-se um pouco e perdeu o equilíbrio, vindo de encontro a mim. O meu braço roçou nela, causando-me um pequeno choque de estática. Era uma faísca, como quando se faz uma ligação direta num carro. Os dois cabos. São elétricos. O meu coração acelerou e eu respirei fundo para o acalmar. Não estava preparado para nada daquilo, recordei-me. Por mais que me sentisse atraído por esta mulher peculiar, era demasiado cedo.

Olhei para ela à espera de uma resposta. Não podia ir para a cama sem ter a certeza de que ela tinha tudo o que precisava.

A Grace abanou a cabeça.

— Estou bem. Obrigada pelo jantar.

— Não tem de quê, Menina Grace. Dorme bem. — Assenti com a cabeça e continuei a percorrer o corredor até ao meu quarto. Precisei de todas as minhas forças para não voltar para trás.